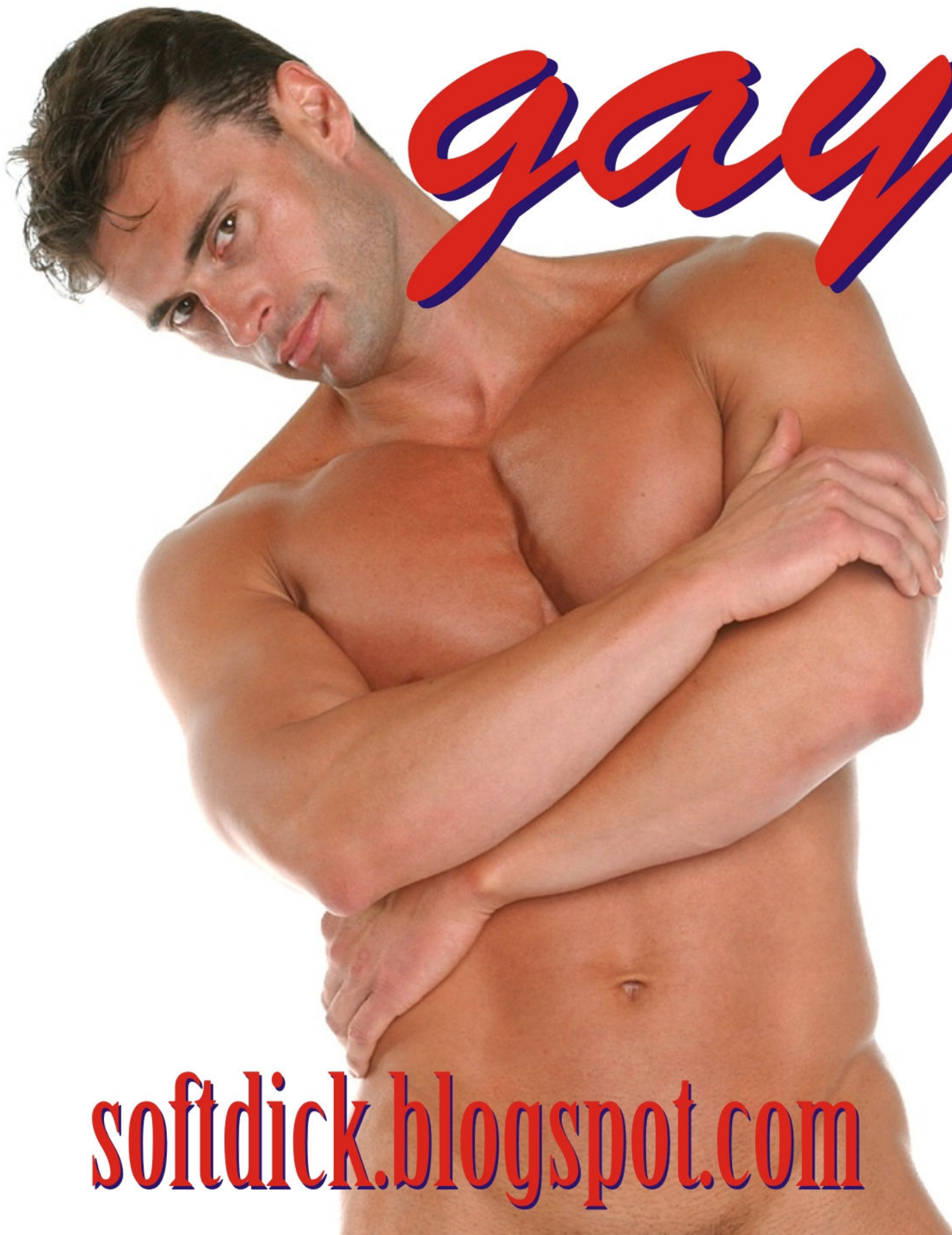


contos eróticos

gay



Atenção: Material proibido para menores de 18 anos

softdick.blogspot.com

Esta coletânea de contos eróticos gays foi preparada especialmente para você! São contos selecionados e revisados enviados por amigos internautas que frequentam o blog The Sot Dick (<http://softdick.blogspot.com>).

Todas as imagens que ilustram esta coletânea possuem links para sites de relacionamento adulto. Se você tiver interesse em conhecer pessoas, clique nas imagens. Seu navegador de Internet será aberto e direcionará você para a página de cadastro do site. Cadastre-se e divirta-se!

Para ler mais contos eróticos ou conhecer nosso conteúdo picante, acesse:

<http://softdick.blogspot.com>

Muitas fotos, vídeos, fotos de internautas e contos eróticos esperam você. Homens deliciosos e nus!

Boa leitura!

Grande abraço!

Equipe Blog The Soft Dick

the.soft.dick@gmail.com

Inocência perdida

Estávamos no saudoso ano de 1967. Eu tinha somente sete anos de idade e pouco sabia a respeito de muitas coisas, principalmente sobre a chamada arte do sexo. Costumava brincar na rua de casa com alguns garotos vizinhos e nada ia além disso, até que um certo dia...

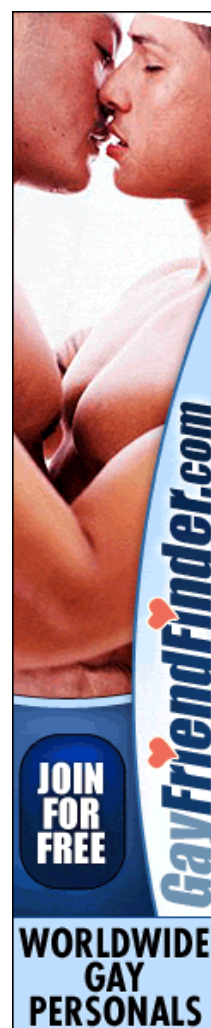
Certo dia um colega da mesma idade que eu comentou que conhecia uma cabana onde sempre ia brincar. Fiquei entusiasmado e quis conhecer o tal lugar. Ele me disse que seria em breve.

Alguns dias depois, eu estava sentado na calçada em frente de casa quando um menino se aproximou (devia ter por volta de uns 13 anos) e perguntou se era eu que estava querendo brincar na cabana. Respondi que sim. Ele me disse que era o dono da cabana e se eu quisesse, me levaria lá imediatamente, pois não era longe. Topei e seguimos rumo a um matagal que ficava embaixo da linha de transmissão de energia elétrica. O capim era muito alto e ele me explicou que aquele lugar era perfeito para brincar. Seguimos por uma trilha estreita até que chegamos à cabana que era coberta com um grande papelão. Também o chão era forrado com papelão.

Ele me disse para entrar e, eu muito bobo, não me dei conta de quais eram as reais intenções do meu companheiro de brincadeira.

Entreí e não havia nada dentro e então perguntei do que ele costumava brincar lá. Ele me explicou que brincava de “comer os meninos”. Dito daquela forma não fazia qualquer sentido pra mim. Percebendo meu espanto (acho que eu tinha uma interrogação na cara) ele se apressou em explicar melhor e foi logo dizendo para que eu não ficasse com medo que ele não iria me morder e, se eu quisesse, ele me mostraria como era aquela brincadeira, mas eu deveria fazer tudo o que mandasse. Eu disse que não estava com medo e faria o que ele pedisse.

Aproveitando da minha completa inocência (ele sabia que eu nem desconfiava do que estava falando) se aproximou, me virou de costas e começou a me encoxar a bunda. Fazia movimentos de vai-e-vem contra meu corpo, en-



quanto dizia baixinho no meu ouvido que nunca tinha visto um menino com uma bundinha tão fofinha quanto a minha e que estava gostando muito de brincar comigo. Fiquei todo contente com o elogio, embora não entendesse onde aquela esfregação nos levaria. Continuei ali em pé parado agradando meu colega.

Veza em quando me perguntava se eu estava gostando e eu respondia que achava engraçado e não entendia o que ele estava fazendo. Ele me dizia que me preparava para me comer. Eu ria e ele gemia de prazer atrás de mim.

Passado algum tempo daquela esfregação, ele tirou meu calção e pediu que eu ficasse de quatro como um cachorrinho. Fiquei na posição solicitada e percebi que ele pegou alguma coisa debaixo do papelão e logo após senti seu dedo lambuzando meu cuzinho com uma geléia (era vaselina, claro!). Depois de ter melecado bem a bunda, lá estava eu de quatro, senti quando que ele encostou alguma coisa em mim e começou a empurrar. Pensei que poderia ser seu dedo, mas então me dei conta de que ele me segurava pela cintura com as duas mãos. Perguntei o que estava fazendo e ele me respondeu que iria começar a me comer, mas que eu não deveria me preocupar porque ele faria

bem devagar. Quando senti entrar a cabeça do pinto, senti uma dor enorme e pedi que parasse porque tava doendo muito a minha bunda. Ele me pediu pra ficar quietinho que



logo eu não iria sentir mais nada e ficou parado pra eu me acostumar com aquela sensação estranha. Empurrou mais pouco o pinto e perguntou se ainda estava doendo. Eu disse que sim e era melhor ele parar, mas ele não me atendeu. Tampou minha boca com uma das mãos e com a outra me segurou forte pela cintura e fez entrar o restante que faltava. Soltei um grito abafado pela sua mão e lágrimas correram dos meus olhos. Ele parado esperando eu assimilar o golpe fazia movimentos leves de entrar e sair do meu cuzinho que estava ardendo muito. Disse-me que iria tirar a mão da minha boca, mas que eu não poderia gritar. Aos poucos fui me acostumando com aquele volume dentro de mim e ele percebendo isso foi intensificando seus movimen-

tos atrás de mim. Sussurrava muitas coisas, algumas sem sentido e elogiava dizendo que meu cuzinho parecia de menina de tão redondo e gostoso que era.

Como agora eu já estivesse completamente entregue a ele e deixando que fizesse comigo tudo o que queria, acelerou cada vez mais. Entrava e saía com muita facilidade, pois naquelas alturas minhas pregas já estavam bastante laceadas. Comecei a ter uma sensação gostosa de ser preenchido por dentro e como ele percebesse meu bem estar perguntou se eu estava gostando de ser comido por ele. Respondi que estava muito gostosa aquela brincadeira, que estava sentindo uma coisa engraçada por dentro (evidentemente que seu pinto estava friccionando minha próstata e isso estava me dando uma sensação de prazer). Como eu estivesse gostando de ser enrabado ele aumentou ainda mais o vai-e-vem, me segurou com muita força e enfiou o pinto o mais fundo que pode, fazendo-me sentir um líquido quente dentro do meu cu (só depois descobri que se tratava de porra). Continuou ainda por alguns instantes dentro de mim e foi saindo devagar. Fiquei um pouco frustrado pela brincadeira ter acabado porque estava adorando, mas nada falei, apenas senti escorrer pela minha coxa aquele líquido quente.

Ele pegou um pano que trouxera consigo e limpou minha bunda e pernas e o próprio pinto.

Ainda sem o calção, sentei no chão e vi seu pinto meio amolecido e perguntei se tinha usado o pinto para me comer. Ele me falou que sim e que tinha gostado demais da minha bunda e perguntou se eu deixaria ele me comer de novo. Respondi que deixaria porque eu tinha gostado de brincar com ele.

Ele me pediu para eu chupar sua rola e como eu não soubesse o que ele queria, aproximou-se de mim, mandou-me abrir a boca e enfiou o pau mole dentro dela. Pediu que eu tomasse cuidado com os dentes e mandou que eu fizesse como se estivesse chupando um sorvete. Meio sem jeito, mas com vontade de agradar meu homenzinho, comecei uma chupeta. Ele empurrava o pinto dentro da minha boca e eu chegava a engasgar, mas não parava de chupar. Seu caralho foi endurecendo de novo (não era grande, devia ter uns 13 cm, de média grossura) e após ficar chupando por uns 20 minutos, ele gozou na minha boca. Senti um gosto muito estranho, meio salgado. Ele mandou que eu engolisse a porra dele.

Permanecemos lá na cabana por mais uma meia hora antes de sairmos e durante esse tempo ficamos conversando sobre o que tinha acontecido.

Ele me falou que eu tinha sido o garoto mais gostoso que ele já tinha metido na bunda, que iria querer me comer sempre, pois minha bunda era especial e que eu não poderia contar nada pra ninguém o que tínhamos feito, senão nunca mais poderíamos brincar assim. Guardei segredo para sempre.

Eu acabei me tornando seu viadinho de plantão e quanto mais ele me fodia mais eu gostava. Cada vez aprendia a fazer mais e mais coisas. Além de ser enrabadado, eu chupava (estava ficando craque) e batia punhetas pra ele. Fui aprendendo muitas coisas sobre sexo e de como agradar meu senhor. Gostava de me sentir submisso, sentava no seu colo até ele estar completamente atolado dentro de mim. Embora meu cuzinho estivesse totalmente arrombado, eu não ligava e três ou quatro vezes por semana ele me possuía na nossa cabaninha secreta.

Passaram-se uns oito meses e minha família mudou-se para outra cidade. Mas como eu já estivesse viciado em levar rola no cu, logo tratei de arrumar um amiguinho que pudesse saciar meus desejos mais secretos, mas isso são novas estórias que continuarei contando brevemente.

Todos os fatos narrados aqui são reais e aconteceram há muito tempo.

Se você gostou da minha história, poderá comentar enviando e-mail para ca.brasil2007@hotmail.com.

Está excitado? Encontre alguém agora para te satisfazer!
Clique no link abaixo e cadastre-se. Homens deliciosos esperam você!



GayFriendFinder.com
OVER 1 MILLION ACTIVE MEMBERS
JOIN NOW FREE
CHAT, BROWSE AND CONNECT WITH LOCAL MEN

Ou copie e cole este endereço em seu navegador: <http://outpersonals.com/go/g1326307>

Iniciação em três tempos

Minha primeira experiência sexual aconteceu quando eu era bem novinho. Eu era um menininho branquinho, lourinho, olhinhos azuis, bem mimadinho, mas não era afeminado.

Lembro-me que foi na casa de um coleguinha da rua onde eu morava. Na cena que me recordo, eu me encontro deitado de bruços, nu da cintura para baixo, com o Serginho tentando me penetrar com seu pirulitinho. Se eu não me engano, ele deve ser um ou dois anos mais velho que eu. Não me recordo como eu fui parar lá, nem em que circunstâncias, mas me lembro de sentir o pauzinho dele esfregando no meio da rachinha de minha bundinha de menininho inocente e gostar daquilo!

Depois de um tempo, nos vestimos e quando estávamos para sair de sua casa, Serginho pediu para fazer de novo, o que prontamente eu topei, e pouco depois, estava eu deitado novamente de bruços com meu amiguinho tentando enfiar o seu birrinho dentro do meu anelzinho virgem. Desta vez, ele conseguiu, creio que devido à lubrificação natural que teria vazado de seu piruzinho, pois não me lembro dele ter lubrificado a piroquinha, nem nada!

Pois, bem... O fato é que ele conseguiu me penetrar, e eu adorei a sensação. Entretanto, para minha surpresa e decepção, ele mijou dentro de mim... Molhando-me todo, já que a urina não se reteve e acabou vazando! Fiquei muito envergonhado, me vesti correndo e fugi para minha casa. Enquanto corria, eu podia ouvir Serginho rindo de mim.

Nos dias que se seguiram, Serginho e a família dele acabaram mudando do bairro em que eu morava, mas a lembrança daquele dia nunca mais saiu de minha cabeça. A sensação da penetração permanecia em mim e eu queria experimentar aquilo de novo!

Algum tempo depois, minha própria família mudou-se para outro bairro, para um condomínio fechado, onde minha iniciação sexual continuou, ou de fato, como quiserem, começou!

Nosso novo lar, como eu disse acima, era um condomínio fechado, com várias crianças da mesma faixa etária que a minha, entre sete e dez anos, inclusive vários primos e primas. Dois meninos, logo se tornaram meus amiguinhos, o Índio e o Aílmo. Andávamos sempre juntos, brincávamos e íamos à escola, que ficava dentro do próprio condomínio, juntos.



Não sei como começou ao certo, mas sei que foi com o Índio, durante uma brincadeira de pique-barrilhe, um tipo de esconde-esconde. Estávamos escondidos no depósito de material de construção do condomínio quando começou a me encoxar. Ele mandou que eu me abaixasse para ficar vigiando se alguém que estivesse no pique se aproximava de onde nós estávamos escondidos, e assim eu fiz. Com isso ele se aproveitou para ficar atrás de mim e encostar a sua piroquinha em minha bundinha, empurrando e esfregando. Mesmo através do tecido do calção, eu podia sentir que ele estava com o piruzinho duro me espetando bem no meio da minha rachinha. A lembrança da sensação que havia sentido com Serginho, daquele pintinho entrando no meu buraquinho, voltou forte em minha mente, por isso eu fiquei quietinho, só aproveitando, deixando que ele fizesse o que queria.

Durante dias ficamos assim, sempre à tardinha, reuníamos a molecada para brincarmos de pique-barrilhe, depois nós dois nos escondíamos no depósito, eu me posicionava para ficar vigiando e o Índio se colocava atrás de mim para ficar me encoxando. Eu me lembro que ele chegava a me segurar pela cintura para controlar melhor a encoxada. Certo dia, durante uma dessas brincadeiras, quando eu já me posicionava para ficar vigiando, ele me propôs que nós fizéssemos uma meínha, um tipo de troca-troca, que na teoria funcionaria da seguinte maneira: primeiro um menino come e o outro, para depois, aquele que deu inicialmente, comer o que o já havia comido, mas na prática não funciona bem assim, ou seja, o mais espertinho só come o mais bobinho, e o mais bobinho só dá para o mais espertinho! Depois de ouvir a proposta de Índio, fingi ficar preocupado, dizendo que não sabia se aquilo era certo, que saliência era feio, etc. Mas, por fim, acabei cedendo, e logo estava eu na minha posição de vigia, com o calção arriado até o joelho, com a bundinha empinadinha na direção de meu coleguinha. Índio, por sua vez, tomou sua posição atrás de mim, colocou o pau para fora, e eu passei a sentir o membrozinho duro dele, pele a pele, forçando a entradinha de meu anelzinho. Fiquei todo arrepiado com aquele contato! É claro que a seco, não entrava de jeito nenhum. Mesmo com Índio me segurando pela cintura, não adiantava. Eu fiquei agoniado, pois eu queria ser penetrado de qualquer jeito e a falta de experiência de meu coleguinha impedia que a penetração se consumasse! Um misto de expectativa, medo e frustração tomou conta de mim: expectativa por que eu queria muito ser penetrado outra vez; medo por que eu temia que ele mijasse em mim como o Serginho havia feito; e frustração por que eu pensava que ele não conseguiria me penetrar de jeito nenhum, a não ser se

me mijasse. Quando já estávamos quase desistindo de nossa brincadeira, Índio teve a idéia de molhar, ou lubrificar, seu pintinho com saliva e tentar a penetração pela última vez. E para meu alívio, e para a alegria do meu amiguinho, funcionou! Todavia, não passamos disso. Índio me penetrou e eu adorei, ficou com o pintinho dentro do meu cuzinho um tempão, paradinho sem fazer absolutamente nada! Depois, ele fingiu ter ouvido um barulho qualquer, nos vestimos rapidamente e saímos dali assustados. Não sem antes, prometermos um para o outro que não contaríamos o nosso segredinho para ninguém!

Com o passar do tempo, nossa brincadeirinha de meninos travessos, passou a não ter hora nem lugar, bastava nós nos encontrarmos, seja na escola, no playground do condomínio, durante uma brincadeira qualquer, em qualquer tempo e lugar, sempre arrumávamos um jeito de fazermos uma meínha. Onde o que valia era o nosso acordo tácito dele sempre me comer e eu sempre dar, eu nunca sequer aventei a possibilidade de haver a tal troca, isso nem passava pela minha cabeça, estava completamente satisfeito com o meu papel de ser mulherzinha. Tudo corria às mil maravilhas para nossas brincadeiras, até que, não me lembro o motivo, o Índio ficou de castigo durante um bom tempo, não podendo descer para brincar, só nos restava nossos encontros furtivos no banheiro da escola, o que era muito arriscado e cada vez mais perigoso, por conta de um primo dele que recebera a incumbência de delatar aos pais do Índio tudo que ele fazia na escola.

Por fim, nos demos por vencidos, desistindo de continuar com nossas brincadeiras.

No entanto, durante uma brincadeira de pique-barrilhe no condomínio, o Aílmo, um dos meus amiguinhos inseparáveis, me chamou para que nós nos escondêssemos juntos, justamente no depósito do condomínio. Mal chegamos lá e Aílmo me cantou, literalmente, para que nós fizéssemos uma meínha. Fiquei meio espantado com o convite, mas isso até seria normal, já que eu ficara sabendo que a maioria dos garotos do condomínio fazia meínha uns com os outros, o que me assustou, de certo modo, foi ele já estar passando a mão na minha bunda e dizendo que ele me comeria primeiro e depois eu poderia comê-lo. Como eu estava muito a fim de voltar com as minhas brincadeiras, disse que aceitaria somente se ele promettesse a não contar para ninguém que nós faríamos meínha, principalmente para o Índio. Ele jurou que assim o faria, beijando os dedos em cruz, e eu concordei. Ele me virou de costas para ele, mandou que eu abaixasse o calção, apoiasse as mãos nos joelhos a fim de que minha bundinha branquinha e lisinha ficasse apontada em sua direção. Ele se posicionou atrás de mim, assim como Índio fazia e ordenou que eu me mantivesse quietinho e vigiando se não chegaria ninguém para que não fôssemos surpreendidos. Aílmo era

bem mais espertinho que o Índio, pois ele não perdeu tempo tentando uma penetração a seco, foi logo lubrificando meu cuzinho com cuspe e enfiando a piroquinha em mim. Meu novo amante tinha um pauzinho bem mais grosso do que o de Índio, tanto que, mesmo com a saliva espalhada por ele em meu cú, assim que a cabecinha saltou para dentro de mim, eu senti uma dor horrível e pedi para ele tirar, pois doía muito. Contrariado, Aílmo concordou, mas não se deu por satisfeito, pediu, então, que eu chupasse o seu pirulito! É claro que eu não concordei de início, porém, como ele era mais forte do que eu, me senti ameaçado e acabei concordando. Nú da cintura para baixo, ajoelhei em cima do calção e coloquei o pinguelinho de Aílmo na boca. No início senti certo nojo, mas depois de experimentar o gosto de ter uma piroca em minha boca, me delicieei. Chupava e lambia, alternadamente, como se fosse natural para mim, sem que ninguém tivesse me ensinado nada. A essa altura, Aílmo, estava cada vez mais excitado e, quando já não estava mais agüentando de tanta excitação, ele me levantou pelos cabelos, me fazendo voltar para a posição inicial e sem qualquer demonstração de piedade, enterrou seu cacetinho em mim de uma vez só! Mas, desta vez não doeu tanto... Talvez, por estar muito lubrificado devido a minha chupadinha, ou por que meu cuzinho já estivesse mais larguinho, ou ainda pelo fato de eu também estar muito excitado. O fato é que desta vez não doera quase nada. Sem se preocupar com isso, Aílmo, enterrou seu pauzinho em mim e continuou me puxando para si, como se quisesse enterrar mais do que podia, me apertava, me abraçava e suava como se tivesse acabado de jogar uma partida de futebol no campinho! De repente, ele deu uma tremidinha e estancou. Ficou parado por um tempo até que, lentamente, seu pirulitinho foi escapulindo de dentro de mim, murchinho, murchinho. Nesse instante, ele começou a se vestir e me mandou fazer o mesmo. Quando estávamos prestes a sair do depósito, ele disse que sabia que o Índio me comia e que agora eu teria que dar para ele também, do mesmo jeito que eu fizera naquele dia. E antes que eu dissesse alguma coisa, ele ameaçou me bater se eu não fizesse o que ele dissera! Concordei, e concordaria mesmo sem a ameaça, pois eu havia gostado mesmo de tudo que acontecera naquele dia.

Tempos depois, quando Índio saiu do castigo, Aílmo me fez contar para ele que agora o Aílmo também me comeria, se ele, Índio, quisesse poderia continuar me comendo, mas o Aílmo teria que estar junto também! Assim, a partir daquele dia, passamos a nos esconder os três juntos quando brincávamos de pique-barrilhe, e em outras oportunidades em que nos encontrávamos a sós eles se revezavam entre meu cú e minha boca. Passei a ser a mulherzinha dos dois.

Durante os dois anos que se seguiram, continuei a servir aos meus dois amiguinhos, éramos chamados de os três mosqueteiros, de tanto que andávamos juntos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

